

## Variante linguística dos nipo-brasileiros falada na região de Dourados (MS): interfaces do contexto diglótico dos *nikkeis*

Linguistic variant of spoken Japanese-Brazilians in Dourados (MS) region: diglossic context interfaces Nikkei

*André Suehiro Matsumoto\**, *Elza Sabino da Silva Bueno\*\**

*\*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)*

*\*\*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)*

---

**Resumo:** Ao valorizar o discurso oral como elemento pelo qual se pode perceber a identidade cultural de uma etnia, o presente estudo demonstra a tensão diglótica vivenciada pelos *nikkeis* na região de Dourados, constatada por meio do registro de sua fala. Nesse sentido, a pesquisa se ancora em recursos teórico-metodológicos dos estudos da sociolinguística laboviana que analisa as variações ocorridas na língua decorrentes de variantes linguísticas ou sociais (LABOV, 2008/1983; FERGUSON, 1974; TARALLO, 2007). Diante disso, ao verificar o cenário sociolinguístico da comunidade, realizamos uma análise da frequência do uso das línguas japonesa e portuguesa. Consequentemente, os resultados esperados, a partir deste estudo, visam a resgatar o falar nipo-brasileiro e, assim, demonstrar o processo de construção identitária desse grupo étnico através de seus registros linguísticos, interligando, nesse contexto, questões de identidade, história, linguagem e sociedade.

**Palavras-chave:** Nikkeis. Diglossia. Identidade.

---

**Abstract:** By valuing oral discourse as an element through which one can perceive a cultural identity of an ethnic group, the present study demonstrates a diglossal tension experienced by the nikkei in the region of Dourados, verified through the recording of their speech. In this sense, the research anchors in theoretical-methodological resources of the studies of the labovian sociolinguistics that analyzes the variations occurred in the language due to linguistic or social variants (LABOV, 2008/1983; FERGUSON, 1974; TARALLO, 2007). Therefore, when verifying the sociolinguistic scenario of the community, we performed an analysis of the frequency of use of the Japanese and Portuguese languages. Consequently, the results expected from this study are aimed at rescuing the Japanese-Brazilian speaking and, thus, demonstrating the process of identity construction of this ethnic group through its linguistic registers, interconnecting, in this context, questions of identity, history, language and society.

**Keywords:** Nikkeis. Diglossic. Identity.

---

## Introdução

Nesta pesquisa, abordamos a questão da identidade cultural dos *nikkeis* por meio da fala nipo-brasileira, em situações reais de uso, e os valores culturais relacionados, que contribuíram, significativamente, para a cultura brasileira. Nesse aspecto, temos, para esse estudo, um cenário sociolinguístico, localizado na região de Dourados, sul do Estado de Mato Grosso do Sul, bem como o contexto da imigração/migração japonesa, pois “todo o contexto da imigração japonesa propicia interessantes temas para as pesquisas em diferentes áreas de estudo” (DÓI, 2006, p. 67).

Percebemos que, nos últimos anos, são notáveis as contribuições da Sociolinguística em todos os campos da linguagem, que explica a relação entre língua e sociedade proposta por Elia (1987). Diante dessa premissa, os resultados alcançados, a partir deste estudo, valorizam o falar nipo-brasileiro e demonstram o processo de construção identitária desse grupo étnico por meio dos registros linguísticos de sua fala.

No âmbito acadêmico, ressaltamos que existem poucas pesquisas relacionadas a esse grupo no Estado de Mato Grosso do Sul e estudos das mais variadas vertentes comprovam que a fala é o elemento pelo qual se depreende a identidade cultural mais profunda de uma etnia (MONTEIRO, 2000).

Para uma melhor esquematização, esta pesquisa divide-se em três partes, esquematizadas da seguinte forma: na primeira, tecemos considerações histórico-metodológicas sobre o fenômeno; na segunda, trazemos embasamentos teóricos que sustentam a pesquisa e, na terceira, descrevemos analiticamente os dados linguísticos e extralinguísticos, no que tange ao contexto diglótico e à variante nipo-brasileira falada pelos *nikkeis*.

Portanto, esse estudo contribui para tornar visíveis as relações entre identidade, história, linguagem e sociedade, e fortalecer a cultura *nikkei* no Estado de Mato Grosso do Sul.

## 2 Aspectos identitários e o processo sócio-histórico da imigração/migração japonesa em Dourados-MS

A vinda do povo japonês para o Brasil ocorreu devido a um acordo entre o governo brasileiro e o japonês, pois o governo do Japão incentivou a ida de japoneses para outros países, principalmente para o Brasil, devido ao campo e as cidades do Japão estarem

superlotadas em decorrência da pobreza e do desemprego, por outro lado, o Brasil necessitava de mão-de-obra barata para o cultivo da agricultura cafeeira.

Nesse contexto, Mato Grosso do Sul se destaca por abrigar a terceira maior comunidade japonesa do Brasil. Assim, historicamente, verificamos que ocorreram duas experiências de colonização no Estado: a primeira é a da colônia Matsubara, situada no município de Dourados a 70 km da cidade cuja atividade econômica foi voltada para o cultivo do café, e a segunda foi a da Fazenda Várzea Alegre situada no município de Terenos.

Segundo Inagaki (2002), a região de Dourados era conhecida por possuir “bons ares e terra fértil”. Essa informação era transmitida pelos meios de comunicação da época, nas décadas de 30 e 40, pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, pertencente ao governo Getúlio Vargas):

Nesse contexto é que, a partir da segunda metade da década de 40, a região de Dourados será escolhida como destino para significativos contingentes de migrantes nikkeis e imigrantes japoneses. Como já foi visto, nessa época registravam-se inúmeros fatores que impulsionavam tanto os nikkeis (principalmente os estabelecidos em São Paulo) como muitos residentes no Japão, a procurarem novas terras (INAGAKI, 2002, p. 85).

Podemos comprovar, por meio da linguagem oral, os dados históricos discutidos acima no trecho de uma das entrevistas com informante, a seguir:

*é entri Glória de Douradus e Vicentina tem uma regiãu ali qui foi ah, essi pessoal qui veio juntu cu meu pai du Japãu qui abriu aquela região sabi, era só, era tudu mata, né aí elis tiveram qui faze estrada abri caminhu pra toma possi da terra porque elis tinha recebido du du governu é **Getúlio Vargas**, elis deram terras né pru pessual qui veiu du Japão aí elis tiveram qui abri a estrada i cada um toma possi, aí tiveram qui construi né dismata, aí cu as madeiras assim construi as casa, us barracu assim é ,intãu a genti sabi qui nãum foi fácil nãum, nem um pouquinho, bem diferenti da vida qui a genti tem quandu vai pra lá pru Japão né, é a genti sofri mais.... (H/63<sup>1</sup>).*

---

<sup>1</sup> Informante homem de 63 anos.

De acordo com Inagaki (2002), os japoneses são conhecidos pelo destaque na contribuição para o setor da agricultura. Mas isso intrigava a autora pelo fato de as famílias com quem a ela conviveu não terem exercido essa atividade no Japão e, mesmo no Brasil, terem exercido essa prática por pouco tempo, conforme notamos no trecho a seguir:

Foi quando verifiquei, através de leituras, que a vinda de todos eles estava relacionada justamente com essa agricultura, mas no trato do café. Com a saída das fazendas cafezeiras é que se dá a contribuição acima referida. Alguns exerceram atividades nos serviços urbanos e os que permaneceram no campo exerceram atividades que permitissem um giro mais rápido de capital (INAGAKI, 2002, p. 152).

Demonstramos esses dados históricos através de um trecho de uma entrevista com um informante que relata a esperança e a prosperidade da região de Dourados:

*Ah eu vim em mil novecentos e sessenta i...naquela época Dourados era olha micho:: micho, num tinha quaje casa...tivessi muito era cem casa só i...dexa eu vê...num tinha asfaltu, era um barru no centro da cidade...na Marcelino Pires nossa...a gente via carro atolado um atrais do outro i hoje comu é que tá...tão desenvolvido essa cidade i...assim toda a vida a gente falava PRO meu pai que Dourados—eu falava PRO meu pai—que Dourados ia desenvolve muito ia ficA muito grande a cidade por causa que a terra era muito bom ao redó da cidade (H/63<sup>2</sup>).*

Ademais, ao retomar Inagaki (2002), enfatizamos que com a chegada dos *nikkeis* na região Dourados houve uma modificação nos hábitos alimentares dos moradores locais, com a inserção do consumo de verduras e legumes, pois antes os moradores locais alimentavam-se apenas de abóbora, mandioca e carne.

Diante desse contexto, ressaltamos a participação desses imigrantes/migrantes em diversas funções e em atividades socioeconômicas do município de Dourados, porque “o cotidiano vivido por eles são os matizes que coloriram o quadro dessa imigração/migração japonesa para Mato Grosso” (INAGAKI, 2002 p.152). Nesse sentido, ratificamos com um trecho de uma entrevista: “Dourados esses dias tava comentandu com minha mãe cada lugar que vai, tem uma família japonesa passeando... comendo...e sempre tem...cada vez mais”

---

<sup>2</sup> Informante homem de 63 anos.

(M/20)<sup>3</sup>.

Portanto, Dourados, com sua colônia japonesa, demonstra, expressivamente, a integração desse grupo étnico ao povo brasileiro, refletindo nos segmentos sociais da região, assim, esses fatores deixam importantes marcas na história do município douradense.

## 2.1 Breve reflexão sobre a identidade cultural dos *nikkeis* brasileiros

Antes de analisar os dados sociolinguísticos, faz-se necessário conceituar dois termos considerados significantes nas ciências humanas, que são: cultura e identidade.

Nesse aspecto, pode-se dizer que o termo cultura, originado do latim, significa cultivar o solo e cuidar. Assim, sob um viés antropológico, define-se cultura como:

[...] o modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se (GOMES, 2009, p. 36).

Em relação ao conceito de identidade, Charaudeau e Maingueneau (2008) afirmam que a noção de identidade deve estar relacionada a outras duas, que aproximam os estudos linguísticos referentes às práticas identitárias de questões mais etnológicas que são a do sujeito e da alteridade.

Comprovando a importante representatividade do termo “identidade” para o presente estudo, utiliza-se a seguinte afirmação de Stuart Hall (2006, p.7): “a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social”. Sob um olhar discursivo, entende-se a identidade como um processo de construção que se dá na relação entre o imaginário e a diversidade cultural, que estão cristalizados na língua e na história, estabelecendo uma reorganização das práticas sociais e culturais.

Para Woodward (2000), as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. As identidades são construídas pelo simbólico e pela pesquisa linguística, que é considerada a força motriz de várias ciências sociais, pois tem como objeto o discurso escrito ou oral. Diante disso, esta ciência pode, através de seus métodos de análise linguística e pragmática, desvendar os jogos constituintes

---

<sup>3</sup> Informante mulher de 20 anos.

e representantes das identidades do sujeito como outro, uma vez que a identidade é formada na relação com a alteridade.

Ao serem questionados sobre a identidade, alguns dos informantes dizem ser uma “mistura das duas nações a brasileira e a japonesa” e outros se consideram brasileiros, como pode-se perceber nos fragmentos a seguir:

*Fala 1: eu:: a:: assim eu sou bastanti **brasileira** ... só que tem bastanti coisa assim qui num tem comu deixar de lado ....é:: primeiro nossa feição nossas características físicas já ...**japonesa** ;;; é **metade metade** im casa a genti fala e comi as comidas típicas ainda né participa de festas de tudo do **Japão** mas morandu aqui num tem comu deixar de ser **brasileira** também (M/20)<sup>4</sup>*

*Fala 2: Eu considero mais **brasileira**. Mesmu porque se você vai pra lá você não é mais **japoneis**, você é **brasiro-din** [...]É **brasiro-din**, você não é mais **japoneis**. Tanto que quando você vai lá, voce ganha aquele registro assim de estrangeiro é gaingcoroco né, você não é filho de **japoneis** você não é nada, você é estrangeiro, você é um **brasileiro**, sabe, então a gente tem que se considerar **brasileiro** né, eu não me considero mais **japoneis**. (M/46)<sup>5</sup>*

Ressaltando o termo identidade, Pesavento (1999, p. 59) afirma que:

Mais do que complexo, o fenômeno identitário suporta uma multiplicidade de registros que podem se superpor no mesmo indivíduo: os recortes abarcam o continental, o nacional, o regional ou o local, por um lado; mas, por outro, estabelecem distinções de ordem do etário, classista, de gênero, étnico, racial, profissional, etc.

Conforme Monteiro (2000), o fator étnico desempenha um papel mais relevante do que os fatores socioeconômicos, e isso está presente em grandes cidades como São Paulo. No entanto, ao contrário das metrópoles, Dourados apresenta esta peculiaridade, pois na região se fixaram imigrantes/migrantes japoneses, em que é possível observar a influência da etnia na variação linguística falada na região. Barth (1998), por sua vez, ressalta que é nessa interação fronteira entre os povos que se constata a identidade étnica através da percepção das diferenças, principalmente, em regiões fronteiriças com a nação brasileira, em

<sup>4</sup> Informante mulher de 20 anos.

<sup>5</sup> Informante mulher de 46 anos.

que se encontram tais diferenças manifestas no percurso dessa interação. Como os japoneses têm uma cultura diferenciada, seus dados linguísticos fornecem elementos importantes, através das entrevistas para análise de sua identidade no contexto douradense.

Por causa da Segunda Guerra Mundial, a imigração japonesa entrou em declínio, ocasionando uma difícil integração de brasileiros e japoneses, pois como o Japão fazia parte da aliança de países que eram inimigos ao grupo de países liderado pelos Estados Unidos, incluindo o Brasil, houve perseguição cultural aos imigrantes japoneses no território brasileiro e proibição de qualquer tipo de expressão ou manifestação linguística da língua japonesa. Mas, aos poucos, estes imigrantes começaram a se integrar à cultura brasileira, a frequentar escolas e assumir seus próprios negócios, e uma das marcas dessa assimilação, que algumas pesquisas confirmam, é o processo de miscigenação ocorrido a partir da década de 70.

Sobre este processo de miscigenação, o movimento cultural pode ser explicado por meio das considerações de Stuart Hall (2006) que afirma, por meio do conceito de hibridismo, que não existem culturas puras, pois o sujeito assume caráter pluridentitário.

### 3 Metodologia

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo *in loco*, baseada no suporte teórico-metodológico da sociolinguística laboviana que analisa as variações ocorridas na língua decorrentes de variantes linguísticas e/ou sociais (LABOV/1983, FERGUSON/1974 e TARALLO/2007). Para a coleta de dados, a pesquisa teve como informantes os japoneses e seus descendentes, residentes na região de Dourados. Salientando que se fez observação *in loco* e descrição por meio das entrevistas, com o propósito de refletir sobre o falar nipo-brasileiro desses *nikkeis*, problematizando-os dentro da relação *issei/nissei/sansei* e suas práticas de linguagem.

O *corpus* se constituiu de doze entrevistas realizadas com falantes do gênero masculino e feminino, agrupados em três grupos de idades: 18 a 31 anos, 32 a 55 anos e acima de 56 anos. Diante dessas três faixas etárias, constatamos as seguintes hipóteses: na primeira faixa etária, de 18 a 31 anos, percebe-se que há menos ou, praticamente, inexistem traços linguísticos da língua japonesa, predominando a portuguesa, porque é um grupo que está assimilado à cultura brasileira e se encontram, em sua maioria, falantes escolarizados. Já na segunda há uma mescla de traços linguísticos de ambas as línguas; a terceira faixa etária pode ser considerada a mais significativa em relação aos conflitos diglóticos, isto é, a variante nipo-brasileira, haja vista que é possível encontrar falantes cuja língua materna seja a japonesa, que ao contrário da primeira faixa etária, muitos não tiveram oportunidades de

frequentar um ambiente escolar. Por outro lado, ressalta-se que nesta faixa etária, os falantes têm ligação com a agricultura e isso se comprova historicamente através do processo de imigração/migração.

O modelo de pesquisa proposto por William Labov (1983), e seguido por Fernando Tarallo (2007), é o da sociolinguística quantitativa. É assim chamado, porque trabalha os resultados da pesquisa em conjunto com dados estatísticos e, dessa forma, entende-se que quando é trabalhado com estas informações, verifica-se a diversidade linguística. Encaixam-se em diversidade as variantes linguísticas, pois é nelas que se encontra um vasto campo de possibilidades linguísticas, partindo de uma mesma ideia.

Logo, o modelo proposto por Labov abarca questões de variável e de variantes linguísticas. A variável é o resultado do agrupamento das variantes linguísticas. Essas variáveis significam as diferenças do falar de cada grupo social, de acordo com o contexto de uso da língua em situação de interação linguística (TARALLO, 2007).

Por outro lado, as variações linguísticas são aquelas consideradas de prestígio e de não prestígio. Em geral, a variação padrão é a de prestígio e conservadora, e a não padrão está relacionada às variantes inovadoras e estigmatizadas pela sociedade.

Com o objetivo de alcançar um resultado sistematizado, foi preciso seguir etapas que foram elaboradas para a finalidade almejada. Adotou-se o seguinte esquema para obter um resultado preciso e sistematizado: levantamento dos dados da língua e análise dos fatores linguísticos e não linguísticos no que tange à análise da identidade étnica e linguística do *corpus* em questão. Desse modo, apesar dos métodos de coleta ser da sociolinguística quantitativa, elucidamos que, por causa do grupo estudado, a metodologia assumiu uma postura qualitativa.

Faz-se relevante mencionar que cada etapa exigiu uma elaboração cuidadosa do material de pesquisa; a seleção do informante e do local onde ocorreu a pesquisa; levando em consideração fatores externos como: faixa etária, classe social, escolaridade e etnia.

Entendido isso, chegou-se a um ponto importante para o começo de uma pesquisa sociolinguística: a definição do objeto de estudo, que, nesse caso, é o variante nipo-brasileira e a sua análise, para chegar aos resultados. E também, nesta pesquisa, estar-se-á atentando à língua falada, que foi analisada em sua forma natural e espontânea.

## 4 Apontamentos teóricos – bilinguismo e diglossia

No âmbito dos estudos linguísticos, verifica-se a grande importância que se tem dado às situações de bilinguismo/multilinguismo, revelado por meio do contato entre línguas, uma vez que o bilinguismo é um processo que está presente no mundo, revelando um vasto campo de pesquisas a serem realizadas.

Partindo desta premissa, detecta-se que o território brasileiro possui esta característica de ser multilíngue, que se justifica por meio do processo de colonização que o território passou em que várias línguas coexistiram, como as indígenas, as línguas africanas, europeia e asiática.

Porém, o que deve ser frisado é a coexistência das diversas línguas faladas que existiram/existem, no território brasileiro, e influenciaram a língua padrão (portuguesa), bem como serem passíveis de transformações, por meio dessa interação linguística, resultando em um intercâmbio cultural, como, por exemplo, os empréstimos linguísticos comuns às línguas naturais que podem caracterizar o surgimento ou uma situação de bilinguismo.

De acordo com Câmara Jr. (1978), o bilinguismo é a capacidade de um falante utilizar duas línguas diferentes, como se as duas formas de falar fossem a sua língua materna, optando por uma ou outra, conforme o contexto social em que se encontra. Lembrando que esta capacidade é diferente da de falar ou escrever corretamente uma língua estrangeira. Assim, Yuki Mukai (*apud* AZUMA, 2000, p. 14) transcreve o seguinte:

o bilinguismo não é uma ocorrência estática como o ponto de chegada (sabendo controlar duas línguas perfeitamente), mas sim uma ocorrência dinâmica que possui diversas variações, [...] tais como a idade, situação da aquisição de língua (escola/família), funções da língua, habilidade de uso da língua, atitude com relação à língua etc.” (tradução nossa).

Leland McCleary (2007) faz uma distinção entre bilinguismo social e o bilinguismo individual. Este está relacionado à capacidade de alguém falar duas línguas, assim sendo, verifica-se que o bilinguismo individual é um fato comum no mundo, mesmo em países como o Brasil e os Estados Unidos e estima-se que 50% da população mundial seja bilíngue. Já o social se refere a uma comunidade de falantes bilíngues, apesar de o bilinguismo social ser comum, muitas vezes, esse fenômeno não é reconhecido.

Dalinghaus (2009), em sua pesquisa sobre bilinguismo e diglossia, diz que existem inúmeras conceituações do termo bilinguismo, assim como de diglossia, dessa forma a autora

traz a citação de um teórico que faz uma retomada de diversos autores que se empenharam em definir bilinguismo. Assim, Mello (1999, p.19 *apud* DALINGHAUS, 2009, p. 48) nos diz:

As definições variam entre pontos extremos. Alguns consideram bilíngues apenas aqueles indivíduos cujo desempenho linguístico, em todos os níveis (fala, leitura, escrita e compreensão), se assemelha ao de um falante nativo (Bloomfield, 1933; Thiery, citado por Grosjean, 1982); outros avaliam o desempenho linguístico dos bilíngues segundo uma escala de fluência gradativa [...] (Haugen, 1969); e para outros o bilinguismo é simplesmente uma questão de uso regular, de alternância de duas ou mais línguas.

Segundo Bright (1974), um contexto de diglossia é quando existem e/ou predominam diferenças de forma e função entre o estilo formal e o informal, marcado fortemente pelo aspecto social, que se encontra na complexa relação de fatores, como a idade, posição social e grau de parentesco.

Ainda de acordo com o Bright (1974), essa dualidade entre o formal e o informal, ou seja, 'alto' vs. 'baixo' está diretamente ligado ao status social do emissor (enunciador). Diante disso a chamada “linguística popular” recebe atenção especial entre os sociolinguistas, mas isso não quer dizer que se segue o ponto de vista popular, no entanto, o que deve ser salientado é que se deve compreender o “popular” por meio de um olhar sociolinguístico, no sentido de explicar a magnitude dos estudos deste caráter. O conceito de diglossia tem suas origens a partir do termo francês “*diglossie*”, mas muitos países europeus utilizam a palavra bilinguismo. Charles Ferguson (1984), um dos mais renomados teóricos dessa área, conceitua diglossia como uma espécie particular de bilinguismo que, por sua vez, está subjacente nesse processo, o aspecto político, social e econômico, assim considera-se que uma comunidade é diglósica quando uma variedade alta (*high*) sobrepõe-se a uma variedade baixa (*low*).

A grandeza desse estudo se faz pertinente ao considerar os argumentos de Ferguson que, em seu artigo denominado “diglossia”, aborda esse fenômeno relacionado à metodologia de pesquisa, expondo a necessidade de um maior acúmulo de dados descritivos e históricos e, juntamente, com os termos utilizados que são “língua”, “dialeto” e “variante”, configurando-se em uma imprecisão na definição desses termos, característica relevante em um contexto diglósico, advento de diferentes situações linguísticas.

Conforme Fishman (1967), a diglossia pode ocorrer numa sociedade monolíngue, em que o fenômeno diglósico pode ser caracterizado em quatro relações estabelecidas com o bilinguismo existente em comunidade linguística, como:

- 1) Bilinguismo e diglossia – ocorre nas comunidades linguísticas que adotaram duas línguas e dominam uma ou outra conforme a situação;
- 2) Bilinguismo sem diglossia – existem falantes bilíngues, no entanto, há formas específicas para o uso linguístico;
- 3) Diglossia sem bilinguismo – onde existem duas línguas, mas um grupo linguístico usa a variedade alta e o outro a variedade baixa;
- 4) Nem diglossia nem bilinguismo – a existência de somente uma língua, um caso raro, pois este tipo de ocorrência pode ser verificado em comunidades muito fechadas.

#### 4.1 Considerações sobre a variação na língua japonesa

Conforme Sakurai (2008), a língua japonesa é um símbolo constituinte da identidade nacional, e no arquipélago japonês observa-se a presença de diversos dialetos conforme a região, mas todas têm como foco a capital do país, Tóquio, pois é na capital que se fala a língua oficial. Diante dessa diversidade linguística, a autora constata que: “o contraste entre as diversas línguas japonesas pode ser verificado pelo interesse que linguistas japoneses têm dedicado aos emigrantes radicados em outros países, principalmente no Brasil” (SAKURAI, 2008, p. 269). Ainda de acordo com Sakurai (2008), o território japonês apresenta vários dialetos, isto é, os sotaques locais e a presença de regionalismos, tudo isto perceptível na estruturação do léxico, como verificamos por meio da pronúncia, da sintaxe e das significações semânticas. Concordando com as afirmações da autora citada, transcreve-se a seguinte fala:

*Cada região fala dum jeito né mas eu achu que não tem não, porque, qui nem onde eu nasci, elis falam o cançai, que é um **dialeto** bem diferente do pessoal de Tóquio por exemplo né, então aí quando eu fui lá em Kaitami elis falam dum jeito intão as vezes eu falava umas palavras achandu que tava falandu em hongo correto né a pessoa não entendia sabe? É porque é **dialeto** tem muito assim é tem muita diferença, tem algumas colegas que tava falando que nem os avós, di uma colega que era de....., uma vez que ela ligou pra vó dela que vive*

*lá e ela vive no Brasil mais ela não conseguiu entender nada, porque é dialeto né, é diferente é, totalmente diferente (M/46)<sup>6</sup>.*

A variação geográfica é essencial numa pesquisa sociolinguística, pois como se pode perceber, os lugares desenvolvidos economicamente tendem a sobrepor a sua forma de falar como a variante padrão. Entretanto, o local geograficamente populoso, ou seja, que apresenta uma considerável quantidade de falantes, acaba prestigiando a forma padrão, a partir daí, ocasiona o conflito linguístico entre os grandes centros e o interior, muitas vezes esse “conflito” reforça o preconceito linguístico. Mas deve-se salientar que nessa relação social conflituosa que é estabelecida, vista pelo prisma das ciências do léxico, verifica-se um enriquecimento do vocabulário da língua. Sendo assim, a questão geográfica deve ser compreendida por meio das variações históricas, assim podemos refletir sobre os processos de constituição de um povo, de uma cultura e de uma determinada fala, em que os elementos históricos, sociais e identitários perpassam através da língua de um povo.

#### 4.1.1 A língua japonesa falada pelos imigrantes japoneses no Brasil

Ao tecer um diálogo com a História, constata-se que nosso território sempre sofreu interferências culturais e linguísticas de outros povos, desta forma verifica-se que a língua portuguesa falada no Brasil está diretamente relacionada aos aspectos históricos, um processo existente desde o período de colonização pelos portugueses. Apesar das línguas nativas (Tupi, Guaraní e outras) terem sido oprimidas pelos colonizadores, hoje se percebe vestígios destas línguas na formação lexical da língua portuguesa falada no Brasil.

O período escravocrata influenciou também o léxico da língua portuguesa através da presença de dialetos africanos. No decorrer do tempo, tem-se o registro da invasão de outras culturas dominadoras, como os franceses, os holandeses e os espanhóis. Outro fato histórico é o processo imigratório de várias etnias como a italiana, a alemã e a japonesa. Esses grupos étnicos trouxeram contribuições para o povo brasileiro que podem ser detectadas por meio da inserção de vocábulos nativos na língua brasileira.

Além disso, podemos observar um fenômeno que interfere na língua, os estrangeirismos, pois, com o advento da globalização, as influências internacionais foram inevitáveis, principalmente as concepções ideológicas da França entre os séculos XIX e XX e dos Estados Unidos a partir do século XX até os dias atuais. Esse processo de modificação constante, conseqüentemente, reflete na fala, revelando uma pluralidade identitária que deixa marcas em vários elementos, principalmente na linguagem, isto é, revela o poder da

---

<sup>6</sup> Informante mulher de 46 anos

vivacidade da língua em modificar e assimilar novas transformações. Assim, a materialidade linguística mostra os aspectos político, econômico e sociocultural.

Ao considerar toda essa diversidade linguística, ressaltam-se os argumentos de Bolognini e Payer (2005), que corroboram com os de Dói (2006) ao afirmarem que a língua japonesa falada no Brasil pode ser definida como resultante da fusão de dialetos das diferentes regiões do Japão, com predominância de um ou mais dialetos conforme a concentração de falantes procedentes dessas regiões. A língua japonesa no Brasil foi introduzida quando cerca de 800 japoneses oriundos de diferentes regiões do Japão chegaram ao Estado de São Paulo para trabalhar nas fazendas de café.

Ainda de acordo com Bolognini e Payer (2005), atualmente o idioma japonês falado no Brasil demonstra uma presença marcante do português, e essa língua usada no contexto nipo-brasileiro é chamada de *koronia-go*; os japoneses a caracterizam como “o japonês antigo misturado com a língua brasileira”. De acordo com Junko Ota (2009, p. 51), “*Koronia-go* é considerado uma variante da língua japonesa, em que se vê claramente a interferência do português, desde a adoção dos empréstimos lexicais até a mudança de códigos”.

Ao retomar as ideias de Bolognini e Payer (2005), pode-se dizer que o idioma japonês tem sua presença marcante no idioma brasileiro através de itens lexicais, fazendo com que a cultura japonesa se insira na sociedade brasileira. Nota-se a presença desses segmentos da cultura oriental na alimentação (sushi, sashimi, tempura, shoyu, shiitake), nos esportes e lazer (judô, jiu-jitsu, karaokê), nos costumes (tatami, ofurô, quimono) e em vários outros contextos na cultura brasileira.

## 5 Análise dos dados e discussão dos resultados

### 5.1 O contexto diglótico

Os dados analisados, neste estudo, foram obtidos por meio de entrevistas realizadas *in loco*. Nessa premissa, é preciso enaltecer o olhar metodológico que a pesquisa adotou, a descrição linguística, no sentido de valorizar e resgatar a identidade étnica e linguística desse grupo étnico, uma vez que os elementos linguísticos e culturais representam o processo de sentimento de pertencimento e identificação do grupo.

Verifica-se nesta pesquisa, que a comunidade nipo-brasileira se volta à sua cultura de origem, mas no decorrer da história, a língua desse grupo se distancia da cultura japonesa e gradativamente vai assimilando novos traços linguísticos, compondo outro repertório linguístico de uso das línguas, seja japonesa ou portuguesa.

Constata-se que a língua falada pelos falantes *nikkeis* se diferenciou da língua de origem que é a variante padrão (língua japonesa) e, por essa razão, a variante nipo-brasileira que se instaurou tem sido alvo de ideias preconceituosas, isto é, considerada como uma variante inadequada, por isso é considerado um falar minoritário. Ao romper com esses paradigmas pré-concebidos em relação ao falar nipo-brasileiro, leva-se em consideração o valor histórico e social desse “falar”. Assim, é através desta variante linguística que se pode representar a comunidade nipo-brasileira, criando uma espécie de símbolo, no qual se materializam os traços linguísticos da língua oriental e da língua brasileira. Portanto, esse contato entre as línguas portuguesa e a japonesa, em que a primeira é a de prestígio e outra pouco valorizada, é o que se caracteriza de bilinguismo diglótico.

Essa tensão linguística se explica pela situação em que a comunidade nipo-brasileira convive, pois, de um lado, a dualidade do bilinguismo entre a língua japonesa e a portuguesa, de outro, a variedade da própria língua japonesa, o “padrão” versus a variante nipo-brasileira, infere-se que essa seja a modalidade linguística duplamente estigmatizada.

No contexto social, constata-se que a língua portuguesa é tida como a de prestígio, pois o domínio dessa variedade linguística permite aos *nikkeis* interagirem com todos os segmentos da sociedade, portanto, trata-se de uma variante padrão, enquanto que a variante nipo-brasileira é restrita, já que o número de falantes que a dominam é muito pouco e os espaços de enunciação são delimitados como, por exemplo, o ambiente familiar de convívio dos falantes e em ambientes de socialização entre membros de comunidade: clubes, festas e festivais.

Os resultados obtidos comprovam as hipóteses elencadas na metodologia, abrangendo as três faixas etárias selecionadas para o presente estudo.

Em relação ao gênero, percebe-se que as mulheres são mais comunicativas, enquanto que os homens, principalmente aqueles que vieram do Japão, apresentam dificuldade de expressão, com predomínio de mais traços linguísticos da língua japonesa. Fato que corrobora os resultados de outras pesquisas desenvolvidas na área da Sociolinguística de que as mulheres aceitam e fazem mais uso das inovações linguísticas próprias das línguas vivas e em processo de variação e mudança linguística (PAIVA, 1994; MONTEIRO, 2000; FISCHER, 1974).

Com relação às variáveis, gênero e idade do falante, as mulheres acima de 56 anos são mais comunicativas e dominam a língua portuguesa, enquanto que o gênero masculino dessa mesma faixa etária apresenta dificuldades de expressão utilizando com mais frequência vocábulos da língua japonesa.

Em relação à aprendizagem da língua japonesa, Hirata (2002) destaca que 52% dos *nikkeis* não têm nenhuma dificuldade em aprender a língua japonesa porque ela é utilizada

naturalmente em seu ambiente familiar, no entanto, o mesmo estudo apontou que 48% consideram difícil o aprendizado da língua por causa dos ideogramas.

Percebe-se a tendência dos *nikkeis* em se tornarem falantes monolíngues, uma vez que o espaço de uso da variante nipo-brasileira se torna restrito, mais especificamente no ambiente familiar, nos clubes nipônicos e em situações conversacionais entre as pessoas idosas, assim, pode-se inferir que, com o decorrer do tempo, esta variante corre o risco de desaparecer, como se pode observar-se na fala do informante: “*sim eu falu só português na verdade e algumas coisas eu entendeu japonês mas eu não falu*”.

Por isso, justifica-se a importância de registros linguísticos da variedade linguística nipo-brasileira, para que os descendentes possam conhecer a língua falada pelos seus antepassados, lembrando que eles são importantes para expressar, em contexto sociolinguístico, os hábitos e costumes dos *nikkeis*.

Faz-se a seguinte distribuição dos locais de enunciados mais recorrentes citados pelos *nikkeis*.

**Quadro 1** - Distribuição diglósica das variantes pesquisadas<sup>7</sup>

PRINCIPAIS LUGARES	VARIANTES DE USO		
	JAPONÊS	PORTUGUÊS	NIPO-BRASILEIRA
CASA	X	X	X
TRABALHO		X	X
ESCOLA		X	
CLUBES	X	X	X

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2010

Diante dos dados constantes do quadro, confirma-se que nos espaços restritos como a casa e os clubes, a língua usada pode abranger as três modalidades citadas, já na escola, o uso se dá mais pelo português, isso se justifica, tendo em vista que é a língua oficial do país e a ensinada nas escolas e em todos os domínios, em que a japonesa está perdendo espaço. Já a variável nipo-brasileira se encontra em equilíbrio, como se fosse um elo entre as gerações, nos diferentes contextos analisados, exceto na escola.

<sup>7</sup> Observações obtidas *in loco*.

Ainda, de acordo com esses dados, vale ressaltar que o português, uma das variantes de uso dos *nikkeis*, é a língua majoritária, presente em diversos espaços sociais. Desse modo, transcreve-se um trecho de um diálogo em que um dos informantes relata:

*INF.: Eu falo tudo misturado*  
*INQ.: É né?*  
*INF.: Porque que nem agora a gente tem mercearia num dá pra fala inerrungo , né, intão tem que fala in português, então a gente se obriga aprende fala o nome em português, né , que nem raguçai, só falava raguçai antigamente, num conhecia nem direitu assim como qui chamava u português né agora não agora tô aprendendo mas assim o nome em portugues que nem daico, daico pra mim era daico num tinha outro nome, mas num era tem em portugues chama nabo.*  
*INQ.: Isso nabo.*  
*INF.: A gente é obrigado aprende a fala pra pode trabalha né, mas assim em casa o pessoal é tudo em japonês.*

Não é só na língua que se percebe as mudanças linguísticas, mas também nos costumes, pois ao entrevistar os informantes sobre temas corriqueiros, os *nikkeis* afirmaram que assimilaram muito bem os traços culturais brasileiros, como por exemplo, na culinária, através da inserção do arroz e feijão em seu cardápio. Eles têm consciência de que os costumes japoneses são respeitados e que o povo brasileiro assimilou vestígios culturais trazidos pelos imigrantes japoneses, como se pode perceber em lugares especializados que demonstram a influência da cultura oriental no Brasil.

Conforme informações obtidas por meio dos informantes e da leitura de obras bibliográficas, a língua japonesa falada pelos imigrantes no Brasil, principalmente dos primeiros a chegarem ao território brasileiro, deparamos que esse falar manteve-se preservado no tempo e que há uma distinção grande com a linguagem falada no Japão de hoje, uma vez que o falar no território japonês apresenta muitos vocábulos oriundos da língua inglesa. Retrata-se o trecho de fala de um dos informantes:

*“ingles japoneisado nom como assim inglês correto”*  
*“Toilet”*  
*“é im inglês mesmu é chocoreito ...mas im japonês fara chocô (chocolate)”*  
*“arroz... pessoa fala RAICE (do inglês rice)”*

Corroborando com o fragmento apresentado acima sobre a interferência da língua inglesa na fala dos nipônicos, Higa (2007, p. 37) nos diz: “percebemos também muitos

vocábulo de origem inglesa adaptados ao silabário japonês, sem nenhuma semelhança com a pronúncia inglesa original.”

Na reportagem de Susy Murakami, há uma tabela da modificação de expressões que foram americanizadas, isto é, a diferença no japonês falado pelos *nikkeis* e a língua falada no Japão de hoje. Assim, a matéria traz um quadro divulgado no site Zashi e que é reproduzido a seguir:

**Quadro 2** – Exemplos de expressões “americanizadas”<sup>8</sup>

	Como era (e ainda é no Brasil)	Como é hoje no Japão
<b>Banheiro:</b>	Benjoo	otearai, toirê (toilet), keishooshitsu
<b>Papel higiênico:</b>	Benjoogami	toiretto peepaa (toilet paper)
<b>Colar</b>	Kubikazari	nekuresu (necklace)
<b>Cabide:</b>	emoncake (para quimono)	hangaa (hanger)
<b>Cachecol:</b>	Erimaki	mafura (muffler)
<b>Brinco:</b>	Mimikazari	iaringu (earring – de pressão), piasu (piercing – de furar)
<b>Caderno:</b>	Choomen	nooto (notebook)
<b>Máquina fotográfica:</b>	Shashinki	Camera
<b>Avental:</b>	Maekake	epuron (apron)

Fonte: Murakami (2010)

Um aspecto metodológico que nos propomos a problematizar é a relação *issei/nissei/sansei*, assim verifica-se que os dados corroboram os de Ota (2009), mencionados neste estudo, quando afirma sobre o fenômeno linguístico de “*koronia-go*”. Outra variável a ser considerada é a etnicidade desses *nikkeis*, que se encontram divididos em gerações, como os *isseis* (oriundos diretamente do Japão), os *nisseis* (segunda geração) e *sanseis* (netos dos *isseis*).

Em relação aos *isseis*, nota-se que dominam a língua japonesa, como a prática de leitura e escrita, e essas habilidades, às vezes, são usadas no ambiente social, porém o grau de escolaridade é baixo.

Enquanto os *nisseis* se caracterizam por ser um grupo diversificado, alguns dominam ambas as línguas, alguns se aproximam do perfil dos *isseis*, outros apresentam um perfil mais

<sup>8</sup> MURAKAMI, Susy. *Você fala o japonês do Japão ou o do Brasil?* Disponível em: <<http://www.nippobrasil.com.br/especial/517.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2016.

próximo dos *sanseis*, com o domínio do falar cotidiano. Isso pode ser explicado por diversos motivos, principalmente pelo fato de o aprendizado da língua materna não ser a japonesa, o convívio em um ambiente escolar faz com que os *nisseis* adquiram a proficiência no português.

E, por último, verifica-se que os *sanseis* usam a língua japonesa em lugares muito restritos, como o ambiente familiar, porém o nível de instrução é o mais alto de todas as gerações, apresentando um falar típico do português brasileiro. Como se verifica no trecho de entrevista e seguir:

*“é::: im casa com a minha vô converso japonês ela fala as coisas pra mim eu entendo até é mais assim quando é eu e minha mãe aí só português mesmo .... contato com mais velho meu vô minha vô ”*

Portanto, tornou-se necessário enaltecer cada geração, pois os *nikkeis* apresentam características marcantes dentro do contexto social. Mas, retornando à afirmação anterior de que os *sanseis* utilizam a língua japonesa em lugares restritos, existem casos em que a língua materna é a portuguesa, pois, por fatores econômicos, os seus antepassados sentiram a necessidade de aprender o português. Diante de todo este cenário sociolinguístico retratado no presente estudo, uma marca explícita sobre o percurso de hibridização cultural, são os empréstimos linguísticos. Sobre esse assunto, Higa (2007, p. 28) defende o seguinte:

Os membros de uma comunidade de fala estão inseridos em contextos sociais e econômicos que determinam diferenças entre eles e isso faz com que eles alterem seu comportamento linguístico dependendo da situação e da estratégia de comunicação. Normalmente as pessoas não falam sempre da mesma maneira. A variação linguística é reflexo da necessidade que as pessoas têm de interagir com as outras, do sentimento de alteridade. Se um estrangeiro ou migrante tenta imitar o sotaque ou usa o mesmo palavreado típico de uma determinada região, significa que ele está tentando se aproximar da comunidade e está aberto a aceitar a sua cultura e amizade. Como resposta a essa iniciativa, esse indivíduo será aceito com muito mais facilidade e simpatia pelo povo nativo.

Deve-se esclarecer que o conflito diglósico não ocorre de maneira forte, pois devido à língua portuguesa ser de caráter majoritário ameniza, de certa forma, o conflito na comunidade, porém é verificado que o embate se dá na relação entre as duas variantes, a padrão e a nipo-brasileira, dessa forma, este contexto linguístico ocasiona o conflito de diglossia.

Dessa forma, reforçando mais uma vez, este estudo enfatiza e retrata a linguagem oral, porque, por meio dos aspectos da fala, verifica-se a ocorrência da diglossia, isto é, o contraste estabelecido como “padrão” versus o “não padrão”, pois a variedade de prestígio, considerada a formal, apresenta-se pela sua posição de objetividade e neutralidade, já a “baixa” caracteriza-se por demonstrar a diversidade e a dinâmica da funcionalidade da língua.

Ao discutir um pouco mais sobre o bilinguismo social, Leland McCleary (2007) afirma que são raros os países em que se fala apenas uma língua, isto é, monolíngue, pois na maioria dos países são encontradas inúmeras línguas numa mesma nação. Porém nem todos esses países são, de fato, considerados bilíngues. O bilinguismo, muitas vezes, é ignorado socialmente e a língua de prestígio predomina sobre as outras variantes, como é o caso do Brasil, onde os falantes desconhecem as variedades da língua falada.

Sobre isso, o linguista Marcos Bagno (2007), em seu livro “Preconceito Linguístico”, trata dos diferentes conceitos preconceituosos, no que diz respeito, ao uso da língua dentro da sociedade, expondo suas ideias sobre os oito mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico, e um desses mitos é o de que a língua portuguesa brasileira falada apresenta um caráter unitário. Diante disso, Bagno considera como o mais sério dos mitos, no qual a escola tenta impor a sua norma linguística, sem levar em conta as diferenças culturais, geográfica e socioeconômica. Assim, é importante reconhecer a diversidade linguística presente no país.

## Considerações finais

O território brasileiro se configura como um espaço que congrega diferentes comunidades étnicas, e a região de Dourados não é diferente, pois, nela, fixaram-se povos oriundos de diferentes lugares. Nesse cenário, temos a presença dos *nikkeis* que compõem o mosaico cultural existente, aspecto relevante com vistas a valorização da identidade étnica e linguística dos grupos minoritários, no sentido de verificar a importância da linguagem falada na construção dos valores da identidade e da etnicidade.

Percebeu-se por meio da situação diglósica, as inúmeras possibilidades de análise de questões relacionadas ao contexto de diversidade linguística e por se tratar de um povo heterogêneo, a metodologia centrou-se nos aspectos sociolinguísticos, com o intuito de retratar essa diversidade cultural existente no cenário douradense, frisando a importância da oralidade neste estudo.

Se ocorrer um diálogo com a vertente discursiva da linguagem, verifica-se, através da fala, todo o contexto sócio-histórico de quem fala, do que fala e para quem fala,

ressaltando o comportamento social desse grupo étnico em Dourados, em que as entrevistas além de serem dados linguísticos, também podem ser fontes históricas, no sentido de manter e divulgar a identidade dos indivíduos, destacando as mudanças políticas, sociais e culturais por meio da linguagem oral.

Desta forma, o presente estudo proporcionou a realização de descrições linguísticas interligadas ao viés de enfoques como, o sócio-histórico, o cultural e o identitário. Diante disso, essa pesquisa simboliza, por meio de métodos linguísticos, o resgate do valor histórico e social que o falar nipo-brasileiro representa para a comunidade douradense. Assim, devido à riqueza do contexto da pesquisa, pode-se afirmar que há um vasto campo para ser investigado nos estudos linguísticos e nas ciências humanas e sociais.

Podemos concluir que a pesquisa promoveu uma reflexão, por meio de um olhar sociolinguístico, realizando descrições linguísticas em sua diversidade funcional e social, com o intuito de direcionar o foco para questões relacionadas à variante nipo-brasileira e suas interfaces dentro das ciências humanas, assim, ressalta-se o caráter instigante deste estudo, pois desencadeia a relevância dos estudos culturais.

## Referências

BAGNO, M. *Preconceito linguístico o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.

BOLOGNINI, C.Z., PAYER, M. O. Língua de Imigrantes. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200020&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200020&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V e NEVES, M. E. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

DALINGHAUS, I. V. *Alunos brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguai: um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS*. Dissertação (Mestrado). Cascavel: Unioeste, 2009, 164 p.

DÓI, E. T. O ensino de japonês no Brasil como língua de imigração. *Estudos Linguísticos*,

v. 35, p. 66-75, 2006.

ELIA, S. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro. Padrão, 1987.

FERGUSON, C. Diglossia. In: FONSECA, M. & NEVES, M. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FISHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S.V; NEVES, M. E. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FISHMAN, J. Bilingualism With and Without Diglossia, Diglossia With and Without Bilingualism. *Journal of Social Issues*, n. 23, v. 2, 1967, p. 29-38.

GOMES, M. P. *Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDA, T. *O imigrante japonês: história de uma vida no Brasil*. São Paulo: Queroz Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HIGA, M. T. I. *Interferência do idioma japonês na fala do dekasegui brasileiro*. Dourados: UEMS, 2007.

HINATA, N. *Dicionário Japonês-Português romanizado*. Ed. Kashiwashobo, Tokyo, Japan, 1993.

HIRATA, E. K. *Contato entre a língua japonesa e portuguesa: um perfil sociolinguístico dos bilíngues de Dourados*. Monografia. UNIGRAN: Dourados, 2002.

INAGAKI, E. M. *Douradossu: caminhos e cotidiano dos nikkeis em Dourados décadas de 1940, 1950 e 1960*. Dissertação (mestrado). UFMS: Dourados, 2002.

\_\_\_\_\_. *Imigração japonesa para o Brasil: Os japoneses em Dourados, (século XIX e XX)*. Dourados: UEMS, 2008.

LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Madri: Cátedra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MCCLEARY, L. Sociolinguística. Caderno didático do curso de licenciatura em letras-libras da UFSC. 2007.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUKAI, Y. A identidade de uma japonesa “recém-chegada” ao Brasil: um estudo de caso. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p. 53-73, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.uepg.br/uniletras>>. Acesso em: 2 ago. 2010.

MURAKAMI, S. Você fala o japonês do Japão ou o do Brasil? Portal Nippo Brasil. Disponível em: <[http://www.zashi.com.br/zashi\\_especial/517.php](http://www.zashi.com.br/zashi_especial/517.php)>. Acesso em: 20 ago. 2010.

OTA, J. A. A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo – considerações sobre koronia-go. *Universit  de São Paulo. Synergies Brésil* n. 7, p. 49-56, 2009. Disponível em: <<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil7/ota.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

PAIVA, M. C. Sexo. In: MOLLICA, M. C. *Introdu o   sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PESAVENTO, S. J. A cor da alma: ambivalências e ambiguidades da identidade nacional. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.123-133, 1999.

POURIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrich Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

SAKURAI, C. *Os Japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo:  tica, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdu o teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.7-72.

**ANDRÉ SUEHIRO MATSUMOTO**

Mestre em Letras pela UEMS, área de concentração em Estudos Linguísticos. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS). CV: <http://lattes.cnpq.br/7701590480054965>. E-mail: [andre.suehiro@gmail.com](mailto:andre.suehiro@gmail.com).

**ELZA SABINO DA SILVA BUENO**

Doutora em Letras pela UNESP. Professora da graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Dourados (MS). Coordenadora do PROFLETRAS/UEMS/Dourados. CV: <http://lattes.cnpq.br/4219111767452644>. E-mail: [elza@uems.br](mailto:elza@uems.br).